

## LOUCURA<sup>1</sup>

Stéphane Martelly

### *Tateares e errâncias*

Depois de ter trabalhado durante anos em domínios distintos, que sempre tive o cuidado de cuidadosamente distinguir e separar (a escrita criativa, a pesquisa literária e a prática das artes visuais) em uma esquizofrenia cautelosa e prudente, eis que hoje as avenidas pelas quais expresso qualquer coisa de mim se juntam, colidem, se afrontam de maneira inesperada. E me obrigam a uma grande reorganização, meu pensamento e minhas emoções, a recomeçar e a recarregar as energias de outras maneiras. Como se eu não pudesse mais explorar interrogar os territórios turvos da marginalidade sem ser radicalmente interrogada.

Os limites se tornam fluidos. Eis que minha escrita criativa insinua linhas que não são palavras. Sombrias promessas de afasia e de destruição. Impasses. Eis que meu trabalho crítico, antes medido, calculado, dominado se precipita em um verdadeiro vento de loucura que desorganiza meus papeis. Que interrompe minhas frases. Que introduz a fratura na sequência das minhas ideias.

Eis que minha pintura antes desenfreada, pulsional, cuja matéria parecia se modelar apenas pelo furor das minhas emoções, eis que minha pintura abriga pesadamente um questionamento muito conceitual sobre a loucura, um questionamento ético mesmo, que aí instala sua coerção, seus limites, sua exigência de rigor.

As consequências disso são assustadoras, tendo como risco último a perda total dos meus meios.

### *Se pintar na loucura - Estados sobre a tela / falta da palavra*

Muito tempo antes das palavras, essa grande desordem se traduziu para mim em pintura, em uma série de telas sobre a loucura que fiz entre 2000 e 2005. Talvez

---

<sup>1</sup> MARTELLY, Stéphane. *Les jeux du dissemblable. Folie, marge et féminin en littérature haïtienne contemporaine*. Éditions Nota bene, 2016, pour l'édition originale.

seja excessivo chamar de série essas dez telas. Digamos que se tratava de um estado, de uma ideia fixa, um ponto de vista de exterioridade profunda que constituiu entre elas um fio frágil, mas robusto. Suficiente para alimentar várias outras obras e o questionamento que segue.

Meu trabalho de pintora se situou assim nesse cruzamento perigoso entre o excesso e a falta de meios para abordar de maneira muito pessoal a questão da loucura. Pois, evidentemente, em meu processo atual, a loucura não era um tema, mas um grande projeto, um questionamento por meio da matéria (cores, textura, mas também gesto e toque) dessa insuficiência e desta plasticidade infinita da minha própria subjetividade “estendida” tomada em estados sucessivos que a dominam e pelos quais, no entanto, ela se extrai, de toda forma, do mundo para propor outra coisa. Os limites foram abolidos, as ordens suspensas e a própria artista está comprometida em um jogo de espelhos graças ao qual todas as possibilidades de si são apreendidas em um instante puro de coincidência com improváveis e dolorosos sujeitos/personagens/loucos.

O meio dessa apreensão é a matéria que modela e captura, como um acontecimento sempre imprevisível, em que é preciso absolutamente revelar esses estados de si extremos que as diversas convenções obrigam à temperança, até mesmo ao silêncio ou à dissolução, essas potencialidades existenciais perturbadoras votadas ao cerceamento, à recusa ou à normalização. Pintar a loucura é jogar a tudo ou nada, colocar a mim mesma em cena em um espaço sujeito a todos os perigos.

Minha pintura repousa há muitos anos sobre um trabalho espontâneo da matéria acrílica e outros meios texturizantes sobre suportes variados, mas particularmente sobre telas, como para melhor capturar a emoção - graças à flexibilidade do acrílico e à rapidez de sua “pegada” - e ao mesmo tempo deixá-la vibrar totalmente - graças à ressonância da tela estendida que é batida, arranhada, esfolada, acariciada pelo meu toque - tanto no tempo da execução quanto no da exposição. Os jogos da cor, sempre criada também ela no ato, dão a essa pintura uma luminosidade “estranha”, que repousa sobre o trabalho de cores primárias em contraste. Essa luminosidade é crua e, às vezes, violenta. Disseram que as minhas telas têm um desespero luminoso.

O processo de criação que sempre foi crucial para mim toma, no âmbito do meu projeto sobre a loucura, uma importância ainda maior. Estranhamente, essas telas do tumulto têm uma execução mais lenta, um pouco mais consciente, mesmo se elas ainda escapam absolutamente de uma técnica do domínio do artista sobre seu projeto. Por outro lado, seu caráter de acontecimento é acentuado: essa série de telas sobre a loucura se distribui, com efeito, ao longo de vários anos desde o início do milênio (2000). Se elas foram criadas bastante rápido (um dia a um mês), muito tempo se passou entre uma tela e a seguinte, como se fosse preciso tempo para entrar plenamente em um estado de depossessão, sobreviver a ele, se refazer e

vencer a resistência, maior ou menor, para voltar... toda vez. Cada obra se apresenta então como um **acontecimento singular**, cujo caráter fulgurante é preparado por um longo período de maturação e um outro período, ainda maior, de recuo.

Esse caráter aleatório do meu trabalho permite que a intenção que atravessa essas obras de maneira assumida em vez de regrar minha criação, organizá-la de uma vez por todas, essa intenção, muito ao contrário, a fragiliza ainda mais, amplifica de maneira às vezes custosa seu desacordo com o mundo. Essa marginalidade, no entanto, não é triunfante; ela é, para mim, difícil, devastadora, custosa.

No entanto, de um jeito ou de outro, eles apareceram: meus rostos da loucura, meus estados inomináveis que nomeio, ainda assim, com o nome de loucura. Eles libertam alguma coisa, eles representam, alguma coisa lá mesmo onde não deveria haver representação.

### *Do ponto de vista da escritura?*

O que a pintura me ensina é o risco a correr, a escrita travada, como um gaguejar (iteração e inacabamento) e, por analogia, o texto como uma coisa viva, como uma matéria infinitamente móvel e esburacada, sempre por notar e por reinventar.

Entre gaguejares e texturas segue meu trabalho de criação e de pesquisa sem limites. No silêncio profundo em que esse trabalho sempre ameaça cair, uma alternativa existe, sedutora, magnífica: a de uma escritura ao mesmo tempo rasurada e aberta, uma escritura de subjetividade múltipla/variável; a de uma outra fala crítica que daria lugar à imprevisibilidade e ao ilegível; a de uma pintura “material” na qual se sujam as mãos e as ideias, tomam corpo as emoções, mas que poderia ainda assim apreender e refletir um pensamento especulativo, um sopro, uma escapada fortuita.

Submetido em: 01/06/2024

Aceito em: 11/06/2024